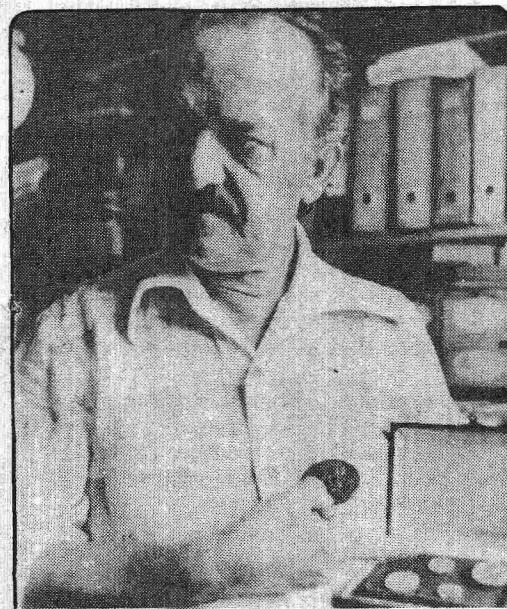




ENTREVISTA

Gabriel Gondim: um colecionador de objetos e documentos que contam a história de Brasília, desde a sua fundação



Gondim e a série de moedas de Ouro oferecidas por JK na inauguração de Brasília

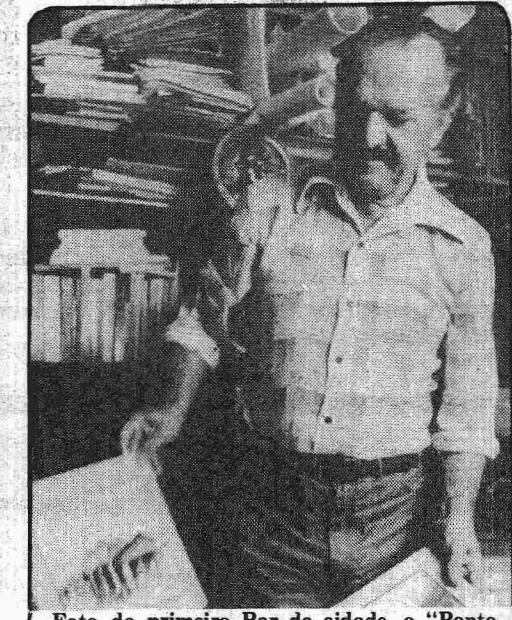


Foto do primeiro Bar da cidade, o "Ponto Chic"

Na semana em que se comemora o 22º aniversário de Brasília, o Jornalzinho entrevistou Gabriel Gondim, um pioneiro e colecionador de objetos relacionados com a criação da cidade, desde Tiradentes, que levantou a idéia da interiorização da capital até a visita do Papa. Difícil seria tentar relacionar os diversos documentos, livros e objetos colecionados por Gondim, que são os mais variados, como a colher do pedreiro que fechou o mausoléu de JK, todos os jornais publicados no dia 21 de abril, 30 mil fotos, gravações, selos, etc. No meio disso tudo, uma cachaça cearense que já nem existe mais, a Sapuparana, que nos foi gentilmente oferecida, em sua casa criando um ambiente de descontração, onde Gondim nos contou suas histórias e o que pensa sobre Brasília.

JBr — Como surgiu o interesse de contar a história de Brasília, através de objetos colecionados?

Gondim — A princípio, eu pensava em fazer um livro sobre Brasília. Em 61, eu tinha um estúdio que logo depois pegou fogo. Para ocupar o meu tempo que ficava dividido entre uma reportagem aqui outra lá, comecei a juntar coisas sobre a cidade para fazer esse livro. Eu comecei a ir atrás do primeiro menino que nasceu na cidade, a primeira menina, o primeiro médico, a primeira enfermeira, a todos eu procurava, fazia gravações, fotos, etc. Fui armado tudo, coletando todo o tipo de objetos e o livro nunca saiu, mas estou com este "museu", aqui em casa avaliado em 50 milhões, em julho do ano passado.

JBr — E o que você pretende fazer com todo este material?

Gondim — Eu gostaria de fazer um museu, apesar de não ter capital para fundá-lo. Eu precisaria de ajuda do governo para conseguir fazer isso. Já pensei em vender tudo para alguém que pudesse realizar esta obra, só que na condição de que o comprador se interessasse por todo o acervo e que o mesmo ficasse no Brasil. O meu sonho realmente era poder construir um museu, o Memorial GG (Gabriel Gondim), mas, infelizmente não tenho condições, nem mesmo se ganhasse um terreno.

JBr — Como foi esse trabalho de selecionar e reunir o material? Você nos disse que tem selos da Patagônia.

Gondim — Eu não cheguei a ir a Patagônia, mas soube que lá havia um selo de Dom Bosco e então mandei buscar. Quando pensei em conseguir a série de três moedas de ouro que o Juscelino distribuiu na inauguração de Brasília, cheguei a ir ao programa do Sílvio Santos. Fui ao Rio de Janeiro onde consegui uma, mas eu queria as três. Fui para São Paulo onde procurei todas as casas numismáticas e não consegui nada. Desiludido, fui para Santos refrescar um

pouco, onde encontrei uma senhora vendendo moedas no meio da rua. Ela só as tinha em bronze e cobre, mas mesmo assim parei o carro e perguntei se ela não conhecia as moedas do Juscelino. A senhora então me indicou umas pessoas em Santos que talvez tivessem. E as moedas estavam lá, com essa pessoa, como se estivessem reservadas para mim. Não satisfeita com a aquisição, perguntei se não teria um relógio, também distribuído por Juscelino, no dia 21 de abril. Ele não tinha mas, iria tentar conseguir-lo para mim. Foi para o interior de São Paulo, Minas e por fim telefonou dizendo que tinha comprado o tal relógio.

JBr — Para saber da existência destes objetos é preciso muita pesquisa?

Gondim — É claro. Eu leio muito. Todos os livros que saem sobre Brasília eu tenho como parte da minha coleção, além de documentos anteriores ao nascimento de Brasília. A partir destes estudos eu procuro pessoas que me trazem novas informações e assim a gente vai descobrindo as coisas. Muitas vezes, conversando numa roda com amigos se descobre pessoas ou dados que identificam alguma coisa.

JBr — Conta para os nossos leitores algum fato curioso que tenha acontecido nessas suas andanças.

Gondim — Olha, um caso engraçado aconteceu em 59, quando cheguei em Brasília. Naquela época só existiam acampamentos e eu estava hospedado em uma firma construtora, a Caiçara, onde hoje é a SQS 409. Um engenheiro me chamou para conhecer uns viadutos que estavam sendo construídos na Asa Norte, que naquela época era muito longe, nós fazíamos uma viagem até lá. Não tinha estrada, só poeira. As carretas passavam e levantavam uma nuvem de pó e eu tive a idéia de tirar uma foto como se estivesse dentro daquela nuvem. Pedi ao meu amigo que tirasse a foto. Eu entraria na poeira assim que a carreta passasse. E assim procedi, só que quando perguntei se a foto havia sido batida, ele respondeu: Não, eu não o vi no meio da poeira!"

Outro caso folclórico foi a história que ouvi de um pioneiro, chegado à Brasília em 58. Pensando em mandar buscar a família, ele economizava de todas as maneiras, inclusive não jantava. Comia apenas um pedaço de bolo bem grande, que era vendido na Cidade Livre, chamado Marta Rocha. Um belo dia, a mulher escreveu reclamando porque queria se juntar a ele, que lhe respondeu: "Você devia estar satisfeita aí em Fortaleza, juntamente com os parentes. Eu aqui estou só. A noite, para economizar, estou me defendendo com a Marta Rocha"... Revoltada, a mulher respondeu: "Você pode ficar com a Marta Rocha, que aqui estou me defendendo com o Seu Zé da Budega".

JBr — Nós gostaríamos que você falasse um pouco sobre Brasília daquela época, em 59.

Gondim — Pra dizer a verdade, eu gostava muito mais de Brasília naquela época de cangango. As pessoas eram mais abertasumas com as outras. Se passava um jeep de engenheiros na estrada, ele dava carona para quem fosse. O Plano Piloto não existia, tudo era Cidade Livre, até as compras eram feitas em Goiânia. Depois veio a rede da SAB, sendo o primeiro supermercado o da SQS 308 Sul. Aconteceu até um caso interessante com um conhecido, um cearense de Maranguape que pensava que as compras só podiam ser feitas se colocadas naquele carrinho. Ele então rodou todo o supermercado, chegando ao caixa com apenas uma pasta de dentes dentro.

Eu morei durante algum tempo em um acampamento e depois me mudei para uma sala 3x4, na Galeria W/3, a primeira de Brasília. Para as crianças brincarem era preciso levá-las até a SQS 108 no único playground que existia.

JBr — Mesmo com estas dificuldades, você acha que a vida era melhor?

Gondim — Mesmo assim, era

muito melhor, sem dúvida. Hoje em dia tenho um vizinho, que não sei quem é, nem o que faz. E como se Brasília fosse uma cidade grande, pois essas coisas acontecem em centros como Rio e São Paulo. Quando mudei para este bloco que tem 36 apartamentos, e conhecia todos os moradores. Agora eu não conheço quase ninguém.

JBr — Qual a sua impressão sobre Brasília, hoje, 22 anos depois?

Gondim — Eu acho Brasília uma cidade monumental, espetacular. Tenho esta cidade como uma filha, eu a vi nascer, "troquei os seus cueiros".

Acompanhei Brasília desde a colocação de pedras fundamentais, passando pelas festas de cumeeira (quando é feita a última laje), até a sua inauguração. Por isso tudo, gosto muito de Brasília e fico doente quando vejo um carro em cima da grama, machucando-a, ou uma coisa mal feita. Vizinho ao Banespa, existe um bar em cuja marquise está encostado um monte de caixotes sujos. Isso me deixa irritado, eu tenho vontade de telefonar para o Ministério da Saúde, pedindo que retirem esse lixo de lá. Qualquer coisa mal feita em Brasília me faz muito mal. Eu tenho um amor muito grande pela cidade. Quando viajo, passo uma semana fora, logo vem a vontade de voltar. Acho que dificilmente sairei daqui.

JBr — Numa enquete feita pelo Jornalzinho de Brasília, a maior parte das crianças acha Brasília uma cidade fria. Por que isso?

Gondim — De certa forma eu também penso assim. Eu sou cearense. Em Fortaleza, quando chega o fim de semana, temos muito o que fazer. Nós vamos para a praia, para a praça do Ferreira, para a antiga "esquina da Broadway", casa de pais que realizam festas, churrascos, etc. Brasília não tem nada disso.

Onde você encontra um banco de praça que reúna pessoas para conversar? As praças existem, mas as pessoas não se procuram, parece que têm medo. Acho

que isso acontece muito pela diversidade das pessoas que, na sua maioria vieram de outros estados e até de outros países, visto que aqui estão concentradas todas as embaixadas. Dizem que Brasília é a cidade dos desquites. Eu não penso assim, as pessoas já trazem seus problemas de onde vieram. Elas vêm para cá, procurando fugir destes problemas e acabam se separando, porque aqui ninguém repará-se a pessoa é casada ou desquitada. As pessoas não tentam se encontrar, chegam em casa vão assistir sua televisão, de pijama e pronto. Ninguém anda a pé em Brasília.

JBr — O que poderia ser feito para amenizar este tipo de problema?

Gondim — As pessoas deviam tentar se reunir sempre, fazendo festas, exibições de filmes em cada superquadra. Isso chamaria mais as pessoas, fazendo com que elas conversassem, se aproximando mais.

JBr — Mas, isso não continuaria a dividir a cidade em setores?

Gondim — Não, em cada semana se faria em uma quadra. Mas, eu acho que isso seria muito difícil por causa do comodismo das pessoas.

JBr — Algumas pessoas dizem que a própria arquitetura da cidade separa as pessoas. O que você pensa?

Gondim — Eu penso que não. O problema é que todo mundo vem de fora. Acho que Brasília deixará de ser fria com esta geração, nascida aqui, que valorizará a sua terra. As pessoas mais velhas, pensam em se aposentar e ir embora. Essas crianças é que vão fazer esta cidade deixar de ser fria.

JBr — Dentro deste aspecto, que recado você teria para os leitores do Jornalzinho, especialmente esta geração?

Gondim — Yuri Gagarin quando esteve em Brasília disse que se tivesse descido com o Sputnik em Brasília, não acreditaria que estava no planeta terra. Brasília é portanto, a cidade mais moderna do mundo.